

## UM SIGNIFICADO DA GUERRA DE CANUDOS PARA AS FORÇAS TERRESTRES

Cláudio Moreira Bento\*

**E**stá transcorrendo o centenário da Guerra de Canudos no sertão baiano, confronto fratricida que levou a morte e o luto a centenas de irmãos brasileiros, sertanejos e soldados do Exército e das Polícias Militares. A apuração da responsabilidade moral e política por essa tragédia grega brasileira espera-se fique mais clara nos estudos que se fizerem no corrente ano.

Para nós, o episódio Canudos foi o estopim que serviu para uma reação de parte de oficiais do Exército, veteranos ou filhos de veteranos da Guerra do Paraguai, a fim de promoverem a Reforma Militar (1898-1945) que modernizou o Exército e o livrou do equivocado Sistema de Ensino (1873-1905), potencializado pelo Regulamento de Ensino de 1890 baixado, na

melhor das intenções, pelo Ministro da Guerra, Tenente-Coronel Benjamin Constant.

Segundo se conclui de Edmundo Campos Coelho (*Em busca de Identidade o Exército e a Política na Sociedade Brasileira* Rio, Forense, 1976), o Exército, a partir de 1831, foi alvo de uma política de erradicação que, ao longo dos tempos, apresentou nuances variadas. A partir de então, teve ele de concorrer com a Guarda Nacional, que se revelou incapaz de promover a Segurança Nacional (a não ser no Sul) até a Guerra do Paraguai, tomando-se instrumento político e anti-Exército, conforme se conclui de Jeanne Berrance de Castro, em *A Milícia Cidadã – A Guarda Nacional 1831-50* (Rio, Brasiliana, 359).

Finda a Guerra do Paraguai, em 1870, o espírito erradicador do Exército ressurgiu forte. Para neutralizá-lo foi implementada a seguinte idéia, traduzida no Regulamento de Ensino de 1873: formar oficiais doutores no Exército, para ajudar a desenvolver o Brasil e, por outro lado, valorizar socialmente o oficial com o título de Doutor, para

que pudessem concorrer, como bom partido, com advogados, médicos, filhos de industriais, comerciantes e fazendeiros, até então, preferidos para casamento.

Desde a Independência, para consolidar a integridade, soberania e unidade do Brasil, os oficiais viveram mais combatendo, de 1822 a 1870, em lutas internas e externas. Assim, para casamento, representavam viuvez e orfandade potenciais, sem cobertura previdenciária compatível. Os oficiais doutores passaram a ostentar, antes do posto, o título de doutor, muitas vezes omitindo o posto militar e se aborrecendo quando tratados por ele. Os que viviam na tropa, dedicados à atividade-fim, à segurança da Pátria, eram tratados de *tarimbeiros*, e não sem desdém, com status social inferior.

Os doutores ou bacharéis teriam, a seu cargo, a elaboração da Doutrina do Exército, através da Congregação da Escola Militar da Praia Vermelha, encargo que, em realidade, descuraram.

Esse sistema de ensino detonou a *desprofissionalização do Exército* fazendo-o, cair a níveis de ope-

\* Coronel de Engenharia e Estado-Maior. Sócio Benemérito do IGHMB e Presidente da AHIMTB.

racionalidade inferiores aos da Guerra do Paraguai. O progresso hierárquico era conquistado à base de cursos, que deram origem a oficiais muito versados em *Ciências Físicas e Matemáticas* e pouco ou quase nada em *Arte e Ciência Militar*. Como complicador o *Positivismo*, agnóstico e mal digerido, foi introduzido no currículo da Escola Militar através da cadeira de Sociologia, resultando seus alunos desprezarem e rirem dos veteranos do Paraguai, que desfilavam garbosos, com o peito coberto de condecorações.<sup>1</sup>

Um general que fizera carreira bem-sucedida como professor de Descritiva, na Praia Vermelha, teve desempenho militar deplorável, ao ser enviado para o Paraná, a fim de conter o avanço federalista. Acusado de covardia, foi processado e condenado à morte, da qual escapou por empenho de seus ex-alunos. Na escola, não

conseguia impor-se disciplinarmente, conforme depoimento, mais tarde, de seu adjunto.

Foi esse Exército dominado pelo bacharelismo que teve de improvisar a incorporação de centenas de alferes para completar os seus quadros e enfrentar a Guerra Civil (1893-95), a Revolta na Armada (1895) e a Guerra de Canudos (1897), apresentando por vezes operacionalidade inferior aos revolucionários e revoltosos, além de no Sul ter seu espírito dividido, em face de seus oficiais se incorporarem aos revolucionários e revoltosos, por desinformação.

Os bacharéis, salvo honrosas exceções, estiveram ausentes dos confrontos. Foram alguns oficiais tarimbados que sempre se dedicaram à instrução da tropa que iriam liderar com sucesso o Exército em campanha, figurando, dentre os mais assinalados, os coronéis

Arthur Oscar, Carlos Telles, João Cézar Sampaio, Thompson Flores, Savaget, Tupi Caldas, Augusto Julião e Serra Martins.

Durante o combate da Ponta da Armação, (Revolta na Armada), o Capitão Tasso Fragoso foi ferido gravemente, quando comandava uma peça de Artilharia.

Por ocasião da Guerra de Canudos ele se encontrava em missão na Europa, aproveitada, inclusive, para corrigir seqüela deixada pelo ferimento.

Lá constatou o enorme *fosso operacional* entre os exércitos europeus, em especial o prussiano, e a estagnação doutrinária do nosso. De lá escreveu históricos artigos, na *Revista do Brasil*, sobre a necessidade de o Exército Brasileiro dispor de um Estado-Maior e sobre como era formado um oficial alemão.<sup>2</sup> Seus artigos repercutiram muito no Exército onde ele era muito acatado e admirado. Penso que eles ajudaram a detonar a *Reforma Militar (1898-1945)*, liderada por oficiais veteranos ou filhos de veteranos do Paraguai, como os marechais Machado Bitencourt,<sup>3</sup> João Nepomuceno Medeiros Mallet,<sup>4</sup> Cantuárias e Argolo.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Depoimento do General Tasso Fragoso na introdução do clássico *"A Batalha do Passo do Rosário"*.

<sup>2</sup> Ver *A Defesa Nacional*/nº 750, Out/Dez, 1990.

<sup>3</sup> Revolucionou o apoio logístico, em Canudos.

<sup>4</sup> Criou o Estado-Maior do Exército e iniciou, em Piquete, a fábrica de pólvora sem fumaça.

<sup>5</sup> Primeiro Chefe do Estado-Maior do Exército.

<sup>6</sup> Fechou e extinguiu a Escola Militar da Praia Vermelha e decretou o Regulamento de Ensino de 1905, inflexão do bacharelismo para o profissionalismo, implementado na Escola de Guerra de Porto Alegre (1906-1911) na qual se formou.

Merecem destaque especial Hermes da Fonseca e Caetano Faria. O primeiro liderou as manobras de Santa Cruz, promoveu a *Organização de 1908* – a orientação das Brigadas Estratégicas e da Arma de Engenharia e a aquisição de armamento moderno (Mauser, Madsen e Krupp, com fábricas de munições). Foi quem enviou oficiais para cursos no Exército da Prússia, de onde emergiu o grosso dos *Jovens Turcos* que fundaram a *A Defesa Nacional*, em 1913, e dominaram a *Missão Indiana da Escola do Realengo* (1919-1921), a qual produziu uma elite de oficiais cuja trajetória é bem conhecida em sua luta vitoriosa de 1930. À Caetano de Farias se devem o Campo de Instrução de Gericinó, o Serviço Militar Obrigatório, a extinção da Guarda Nacional, as Polícias Militares como 2ª linha do Exército e o envio de oficiais para combater com o Exército Aliado na 1ª Guerra Mundial e que para cá transferiram a doutrina francesa, a criação da Aviação Militar, etc. Entre eles destacaram-se José Pessoa, Leite de Castro e outros, que atuaram complementando-os pela continuidade administrativa. Perguntado ao

Ministro da Guerra, Pandiá Calógeras, ao que atribuía o seu sucesso na Pasta da Guerra, respondeu: – *Devo o sucesso a ter seguido os planos deixados por meus antecessores.*

Como soldado e pesquisador de história, não passamos recibo a manipulações históricas, insistentes nos últimos anos, em jornais, revistas, livros, filmes, etc., querendo responsabilizar o Exército e as Polícias Militares pelos lutosos e sangrentos fatos ocorridos em Canudos. Muitos de seus integrantes que lá pereceram foram também grandes vítimas, por desinformação e manipulação de lideranças civis que detinham o poder constitucional para empregá-las. Isso já havia acontecido em 1875, na *Revolta dos Muckers* no Rio Grande do Sul. Tragédia semelhante talvez tivesse ocorrido, não fora o Marechal Deodoro da Fonseca protestar, como presidente do *Clube Militar*, em 1888, contra o uso do Exército como capitão de mato na perseguição de escravos fugidos.

Vale lembrar um exemplo. Qualquer chefe de família, de que é a Pátria uma amplificação, que possuir potencialmente necessida-

des de prover o melhor grau de segurança para dissuadir, defender e, mesmo, repelir possíveis agressores, tomaria as medidas preventivas adequadas e, principalmente manter-se-ia bem informado. Mas não foi isso que as lideranças políticas fizeram. E deu no que deu.

Depois de Canudos, a Reforma Militar do Exército que ele provocou foi esforço hercúleo de várias gerações, para conseguir evoluir até a FEB, quando a Força fez muito boa figura, após um grande salto de operacionalidade.

Esta é, para nós, a real projeção da fratricida Guerra de Canudos.

## O FUTURO DA FEDERAÇÃO

Oliveiros S. Ferreira\*

**C**reio que este é um tema sobre o qual nos debruçamos pouco, embora esteja presente, ainda que de maneira latente, desde a descoberta

\* Jornalista. O texto do Comentário reproduz sua participação no Fórum de Estudos e Debates patrocinado pela Confederação Nacional da Indústria – CNI, realizado em 1996.